

Maquiavel: a vida civil e a vida militar, das tropas próprias ao uso público da guerra

Flávia Benevenuto¹

Resumo: Trata-se de investigar os tipos de tropas, tal como apresentados por Maquiavel, procurando compreender as características que destacam as tropas próprias. Feito isso, assumiremos o debate entre o que é público e o que é particular, tal como posto na *Arte da Guerra*, relacionando-o ao tema da guerra. Tal objetivo diz respeito à investigação anunciada por Maquiavel e que relaciona a vida civil à vida militar. Procurar-se-á mostrar a perspectiva do autor sobre o uso público da guerra tanto quanto as consequências desastrosas de seu uso particular. Pretende-se, em tal percurso, evidenciar a guerra como ponto central do pensamento maquiaveliano, diretamente relacionada aos fundamentos da política, assim como o interesse de Maquiavel em pensar os problemas de seu tempo e abordá-los por uma perspectiva filosófica. A pesquisa se restringe a investigar o tema a partir do *Príncipe*, dos *Discursos sobre a Primeira Década de Tito Lívio* e da *Arte da Guerra*.

Palavras-chave: Maquiavel – Guerra – Tropas – Público – Particular

Machiavelli: civil Life and Military Life, From Native Troops to the Public Use of War

Abstract: The aim is to investigate the types of troops, as done by Machiavelli, seeking to understand the characteristics that distinguish one's native troops. Having accomplished this, we will engage in the debate between what is public and what is private, as laid out in *The Art of War*, relating it to the theme of war. This objective concerns the investigation announced by Machiavelli and connects civilian life to military life. Finally, we will seek to demonstrate the author's perspective on the public use of war as well as the disastrous consequences of its private use. In this course, the intention is to highlight war as a focal point in Machiavellian thought, directly related to the foundations of politics, as well as Machiavelli's interest in contemplating the problems of his time and addressing them from a philosophical perspective. The research is confined to investigating the theme from *The Prince*, *Discourses on the First Decade of Titus Livius*, and *The Art of War*.

Keywords: Machiavelli – War – Troops – Public – Private

¹ Professora da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e Professora permanente do Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Atualmente, é membro de sustentação do Grupo de Trabalho: *Ética e Filosofia Política do Renascimento* da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF). Coordena o Grupo de *Pesquisa Ética e Filosofia Política* da UFAL e integra o Grupo de Pesquisa *Res publica* da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e da Universidade de São Paulo (USP). E-mail: flavia.benevenuto@ichca.ufal.br

Introdução

A obra *Arte da Guerra* guarda algumas particularidades haja vista que ecoa um dos principais interesses de Maquiavel. De fato, a vasta experiência adquirida pelo autor nos assuntos relacionados à guerra aparece nitidamente no texto. Aspectos com os quais o autor certamente precisou lidar na prática em suas atividades na Segunda Chancelaria de Florença são tratados e submetidos ao crivo da reflexão filosófica. A pena de Maquiavel transformou em texto sua prática no recrutamento, treinamento da tropa e no enfrentamento próprio da guerra. Mais que isso, acrescentou a tais experiências práticas suas causas, seus objetivos, seus porquês, assim como as causas e consequências de práticas a serem evitadas quando se trata da guerra. Maquiavel se vale de todo seu repertório técnico sobre o tema da guerra adquirido a partir da experiência de anos no posto que o possibilitou se dedicar diretamente a treinar e preparar uma milícia para a guerra. Reconhecido em Florença por tais empreendimentos², ele organiza, investiga e apresenta os princípios fundamentais da guerra, pensando-a como parte inevitavelmente integrante da política. Se pensar os assuntos da política como eles de fato se efetivam ao invés de tomá-los por como deveriam ser já traziam aos textos de Maquiavel uma profundidade inescapável, ao debruçar-se sobre a organização das tropas e pensá-las nos termos práticos exigidos pela iminência do enfrentamento, faz-se visceral, elevando sua forma de pensar a política à sua máxima intensidade.

Maquiavel abre o Proêmio da *Arte da Guerra* mencionando a dificuldade que muitos “tiveram e têm a opinião de que não existem duas coisas que combinem menos entre si e que sejam tão dessemelhantes como a vida civil e militar”³. Ele se dedica, então, a contestar essa opinião. Para tal, ao destacar a proximidade da vida civil e militar Maquiavel parece reafirmar os fundamentos de todos os estados, a saber, boas armas e boas leis, conduzindo assim seu leitor a perceber a relevância da guerra e sua intrínseca relação com a política. Ao fazê-lo confere à *Arte da Guerra* uma especificidade teórica e técnica, ao mesmo tempo em que reafirma as estruturas fundamentais da política tal como desenvolvidas em suas outras obras políticas. A guerra é um dos principais assuntos abordados pelo autor, presente em todas as suas obras políticas. Ao dedicar-se ao tema na *Arte da Guerra* a primeira lição parece se relacionar justamente a pensar a guerra em suas dimensões políticas. A cidade, os cidadãos, assim como a forma de governo instituída são temas inescapáveis para se pensar a guerra. Maquiavel os torna evidentes desde a apresentação do texto. A própria definição da guerra como arte parece pressupor a guerra em suas dimensões políticas.

A guerra, no mais das vezes, pode ser pensada como uma questão de ordem externa. Pensá-la nos remete quase imediatamente a uma distinção entre as questões internas e externas, tais como postas no *O Príncipe*. Nele Maquiavel afirma que “um príncipe deve ter dois receios: um interno, por conta dos seus súditos, e outro externo, por conta dos potentados estrangeiros. Deste se defende com boas armas e bons amigos, e sempre que tiver boas armas terá também bons amigos”⁴. A passagem põe em evidência a relevância das armas e as relaciona às questões externas. Mas, se considerarmos que a estrutura militar será constituída no formato de tropas próprias, seria necessário considerar algum tipo de relação

² RIDOLFI, *Biografia de Nicolau Maquiavel*, pp. 17-37.

³ MAQUIAVEL, *Arte da Guerra*, Proêmio, p. LXXVII.

⁴ MAQUIAVEL, *O Príncipe*, XIX, p. 90.

entre a vida civil e a vida militar, como posto logo no início da *Arte da Guerra*. Nesse caso, destaca-se o papel fundamental daqueles que se dedicam à guerra e, portanto, que contribuem para solucionar eventuais problemas externos. Assim, quando pensamos na utilização de armas próprias e partimos delas como o pressuposto do melhor tipo de tropa, como faz Maquiavel, o tema da guerra se torna mais complexo porque, apesar de ser uma questão externa, se torna um problema que precisa ser enfrentado pelo governante e resolvido pela constituição de tropas compostas por cidadãos ou súditos para guerrear. A formação de exércitos próprios pressupõe uma coletividade que se põe a serviço da cidade para treinamento em tempos de paz e que, nos tempos de guerra, se dispõe ao enfrentamento. Deles se espera que interrompam suas atividades cotidianas para assumir atividades militares, para combater.

Assumindo tais pressupostos, a relação entre a vida civil e militar (destacada por Maquiavel no início da *Arte da Guerra*) parece expressar questões mais profundas e que dizem respeito a como Maquiavel percebe o funcionamento da política. De certa forma, manifesta relações postas entre questões de ordem interna e externa, entre a guerra e as boas ordenações, entre o que é público e o que é particular, entre expansão ou necessidade de defesa, dentre outras questões. Nosso ponto de partida, aqui, são as tropas próprias haja vista que a discussão que abre a *Arte da Guerra* (e que relaciona a vida civil à vida militar) pressupõe a utilização de tropas próprias, tendo-se em vista discutir sua consolidação a partir de sua constituição, valores e recursos. Ao debruçar-se sobre o tema Maquiavel assume as repúblicas como a melhor forma de governo e as tropas próprias não somente como o melhor tipo de tropa como também a melhor tropa para a melhor forma de governo. Essa leitura não permite uma dissociação radical dos assuntos internos e externos diante da guerra, pois são as tropas integradas por cidadãos dispostos a arriscarem suas vidas pelo bem comum quem enfrentam forças estrangeiras em conflitos externos.

Partindo-se de tais pressupostos, trata-se, inicialmente, de acompanhar a investigação dos tipos de tropas, tal como feita por Maquiavel, procurando compreender as características que destacam as tropas próprias. Feito isso, assumiremos o debate entre o que é público e o que é particular, tal como posto na *Arte da Guerra*, relacionando-o ao tema da guerra. Tal objetivo diz respeito à investigação anunciada por Maquiavel e relaciona a vida civil à vida militar. Por fim, procurar-se-á mostrar a perspectiva do autor sobre o uso público da guerra tanto quanto as consequências nefastas de seu uso particular. Tal percurso deverá evidenciar a guerra como ponto nevrálgico do pensamento maquiaveliano, diretamente relacionada aos fundamentos da política, assim como o interesse de Maquiavel em pensar os problemas de seu tempo e abordá-los por uma perspectiva filosófica. Percorreremos o tema da guerra, assim como os desdobramentos indicados aqui, no *Príncipe*, nos *Discursos sobre a Primeira Década de Tito Lívio* e na *Arte da Guerra*.

Os tipos de tropa e a relevância das tropas próprias

A princípio, a definição do tipo de tropa que se empenha na guerra parece ganhar relevância nos textos de Maquiavel sobretudo porque o florentino sugere a inadequação do modelo de tropa que vinha sendo utilizado em sua cidade. Desse modo, o tema dos tipos de tropa assume tanto no *Príncipe* quanto nos *Discursos sobre a Primeira Década de Tito Lívio*, um

lugar de crítica de seu tempo. Tendo isso em vista, Maquiavel apresenta os tipos de tropas ao seu leitor. “Digo, portanto, que as armas com que um príncipe defende seu estado ou são próprias, ou são mercenárias, ou são auxiliares, ou mistas”⁵. Ao apontá-las, afirma de imediato: “as mercenárias e as auxiliares são inúteis e perigosas”⁶ e prossegue arrematando que “aquele cujo estado se apoia nas armas mercenárias jamais estará firme e seguro, porque elas são desunidas, ambiciosas, indisciplinadas, infiéis, valente entre amigos e covardes entre inimigos, sem temor a Deus nem fé para com os homens”⁷. Nessa exposição inicial Maquiavel já conduz seu leitor a refletir sobre os problemas dos principais tipos de tropas usados em seu tempo, ressaltando sua preocupação em relação às tropas mercenárias, opção florentina de então. A sequência do décimo segundo capítulo do *Príncipe* justifica essas afirmações iniciais. Nesse texto a crítica mais dura é dirigida justamente às tropas mercenárias, consideradas por Maquiavel no mínimo uma escolha temerária para Florença. Nota-se que tal tipo de tropa ganha destaque no referido capítulo do *Príncipe* apesar de não ser considerado o pior tipo por Maquiavel. Parece ganhar relevância por ter sido escolhido em momentos importantes de guerras travadas por sua cidade natal.

Ainda assim, tanto no *Príncipe* quanto nos *Discorsi* o tema do tipo de tropa mais nocivo aparece. Para Maquiavel, para que as tropas mercenárias impusessem prejuízo a quem as contratou, “mesmo tendo vencido, precisam de mais tempo e melhor ocasião”⁸, enquanto “no caso das auxiliares, a conjuração é fato, pois são todas unidas e voltadas à obediência a outrem”⁹. Observando esses dois tipos de tropas que, para Maquiavel, deveriam ser evitadas, as diferenças entre elas parecem estar na união, na disciplina, e conseqüente organização das tropas auxiliares, contrastando à dispersão das mercenárias. No caso dessas últimas, a organização da tropa tendo em vista um objetivo em comum demandaria algum tempo, condição tal que em uma guerra, e portando em uma situação de emergência, de prontidão, certamente impõe dificuldades. As tropas auxiliares têm por característica serem organizadas e, além disso, não combatem pelo soldo, de modo que estarão sempre prontas para te trair.

Os perigos das tropas mercenárias e auxiliares são apresentados de forma mais detalhada no segundo livro dos *Discorsi*, no capítulo intitulado “*Que perigos corre o príncipe ou a república que se valha de milícia auxiliar ou mercenária*”. Maquiavel inicia o capítulo retomando as afirmações feitas no *Príncipe* e ilustrando-as a partir de exemplos das tropas romanas tal como expostos por Tito Lívio. Ao fazê-lo, corrobora o que havia afirmado antes, sobretudo as conclusões sobre as conjurações. “Digo, portanto, de novo, que de todas as espécies de soldados, os auxiliares são os mais danosos”¹⁰. Segue afirmando que “no mais das vezes pilham tanto quem os conduziu quanto aquele e contra quem foram conduzidos; e o fazem quer por maldade do príncipe que os manda, quer por ambição própria”¹¹. Ao afirmá-lo indica o quanto as tropas auxiliares estariam dispostas a trair aquele que nelas confia apontando a paixão que as move: a ambição.

O tema da ambição ganha destaque nessa avaliação das tropas auxiliares, tal como apresentada por Maquiavel, pois é ela quem move aquele que pede a ajuda de tais tropas no

⁵ MAQUIAVEL, *O Príncipe*, XII, p. 59.

⁶ MAQUIAVEL, *O Príncipe*, XII, p. 59.

⁷ MAQUIAVEL, *O Príncipe*, XII, pp. 59-60.

⁸ MAQUIAVEL, *O Príncipe*, XIII, p. 66.

⁹ MAQUIAVEL, *O Príncipe*, XIII, p. 66.

¹⁰ MAQUIAVEL, *Discursos sobre a Primeira Década de Tito Lívio*, Livro II, 20, p. 256.

¹¹ MAQUIAVEL, *Discursos sobre a Primeira Década de Tito Lívio*, Livro II, 20, pp. 256-257.

intuito de conquistar aquilo que não pode conservar e, para o autor, “um príncipe ou uma república de grande ambição não encontra melhor ocasião para ocupar uma cidade ou uma província do que quando lhe pedem que mandem exércitos seus para defendê-la”¹². No *Príncipe* essa ideia já aparecia no exemplo utilizado por Maquiavel que, na ocasião, menciona Cesar Borgia. De acordo com Maquiavel, o duque utilizou primeiro as armas auxiliares. “Mais tarde, não lhe parecendo seguras essas armas, voltou-se às mercenárias, julgando-as menos perigosas”¹³. A sequência do texto evidencia as dificuldades impostas por tais tropas. De acordo com Maquiavel, Cesar Borgia “percebeu posteriormente, ao lidar com elas, que eram dúbias, infieis e perigosas, resolveu aboli-las. Voltou-se, então, para as armas próprias”¹⁴. Essa transição feita pelo duque das tropas auxiliares para mercenárias e depois de mercenárias para próprias foi interpretada por Maquiavel como um avanço na maneira como Cesar Borgia percebia a guerra e melhorava seus resultados na conquista e manutenção de territórios italianos. Ao consolidar suas tropas próprias atingiu seu ápice. “Sua reputação foi aumentando, e ele jamais foi tão estimado como no momento que que todos viram que tinha inteira posse de suas armas”¹⁵. Ora, esse movimento feito por Cesar Borgia parece opor, pelo menos em certa medida, ambição e *virtù*. Se voltamos ao segundo livro dos *Discorsi* e à análise dos três tipos de tropas, a ambição parece estar associada principalmente às tropas auxiliares e apresentar-se como ponto de fragilidade e perigo. A conclusão de Maquiavel a respeito desse tipo de tropa é categórica e corrobora o que ele já havia afirmado no *Príncipe*:

Portanto, um príncipe ou uma república deve preferir outra medida ao recurso de levar para seu estado, para a sua defesa, milícias auxiliares, sempre que for preciso confiar nelas inteiramente; porque qualquer pacto, qualquer convenção com o inimigo, por mais duros que sejam, serão mais leves do que tal recurso.¹⁶

Evitar as tropas auxiliares a qualquer custo e não ceder à ambição de tentar conquistar aquilo que não se pode manter não encerra o tema dos tipos de tropas nos textos de Maquiavel. De fato, as armas que vinham sendo utilizadas em Florença nos últimos tempos não eram as auxiliares e sim as mercenárias. No *Príncipe*, para endossar sua crítica ao emprego dessas últimas o autor discorre sobre seus malefícios e afirma que “na paz é-se espoliado por elas, e na guerra, pelos inimigos”¹⁷. Tendo em vista especificar sua crítica aponta que “(...) a ruína atual da Itália não tem outra razão senão estar há muitos anos apoiada em armas mercenárias”¹⁸. Maquiavel se propõe a “demonstrar melhor a ineficácia dessas armas”¹⁹. Ao analisar o emprego desse tipo de tropa conclui, “por experiência, vê-se que somente os princípios e as repúblicas armados fazem progressos imensos, enquanto as armas mercenárias acarretam apenas danos”²⁰. As tropas mercenárias ganham espaço e são

¹² MAQUIAVEL, *Discursos sobre a Primeira Década de Tito Lívio*, Livro II, 20, p. 257.

¹³ MAQUIAVEL, *O Príncipe*, XIII, p. 66.

¹⁴ MAQUIAVEL, *O Príncipe*, XIII, pp. 66-67.

¹⁵ MAQUIAVEL, *O Príncipe*, XIII, p. 67.

¹⁶ MAQUIAVEL, *Discursos sobre a Primeira Década de Tito Lívio*, Livro II, 20, p. 257.

¹⁷ MAQUIAVEL, *O Príncipe*, XII, p. 60.

¹⁸ MAQUIAVEL, *O Príncipe*, XII, p. 60.

¹⁹ MAQUIAVEL, *O Príncipe*, XII, p. 60.

²⁰ MAQUIAVEL, *O Príncipe*, XII, p. 61.

amplamente analisadas pelo florentino. Isso parece se dever especialmente à recorrência do uso desse tipo de tropa em sua cidade, haja vista que a pior dentre as possibilidades postas eram as tropas auxiliares.

As causas do emprego de tropas mercenárias são expostas no *Príncipe* quando Maquiavel apresenta as razões que levaram os florentinos a adotarem tal tipo de tropa. De acordo com ele,

desde que o Império começou a ser rejeitado na Itália e o papa adquiriu maior reputação na esfera temporal, dividiu-se a Itália em maior número de estados. Isso ocorreu porque muitas das grandes cidades tomaram armas contra seus nobres, que, favorecidos pelo imperador, antes as mantinham oprimidas, e a Igreja as ajudava para aumentar sua própria reputação na esfera temporal; ao mesmo tempo, em muitas outras cidades, os cidadãos fizeram-se príncipes. A partir daí, tendo a Itália caído quase inteiramente nas mãos da Igreja e de algumas repúblicas, e estando os padres e aqueles outros cidadãos habituados a não conhecer armas, começou-se a contratar forasteiros a soldo.²¹

Essa compreensão das causas do emprego das tropas mercenárias na Itália ainda não nos permite entender inteiramente o principal problema da sua utilização. Ele, de fato, apresenta-se na medida em que Maquiavel se põe a expor as tropas próprias e a tratá-las como o melhor tipo de tropa. De acordo com ele, “uma república que disponha de armas próprias submete-se mais dificilmente a um cidadão do que outra que disponha de armas externas”²². Esse é um dos principais argumentos de Maquiavel para defender o emprego de tropas próprias. Ele se apoia mormente no exemplo da República Romana e em sua capacidade expansionista. A grandeza alcançada pelos romanos priorizava o bom soldado (e não o dinheiro). Assim, ao invés de preocuparem-se em contratar soldados a soldo, preocupavam-se em ter bons soldados que pudessem efetivar conquistas e, com isso, ampliar a riqueza romana. Sobre esse assunto, Maquiavel afirma que “o nervo da guerra não é o ouro, como afirma a opinião comum, mas sim os bons soldados: porque o ouro não é suficiente para encontrar bons soldados, mas os bons soldados são bem suficientes para encontrar ouro”²³. A afirmação contundente nos conduz a pensar o tema do bom soldado e, conseqüentemente, no amor à pátria, paixão sem a qual não se pode dispor de tropas próprias.

O bom soldado é, assim, para Maquiavel, aquele disposto a lutar por amor à pátria e, portanto, disponível para integrar as tropas próprias. Mais que isso, é aquele que contribui efetivamente para a vitória no empreendimento da guerra. A seqüência do texto nos *Discursos sobre a Primeira Década de Tito Lívio* expõe como isso se deu em Roma. De acordo com Maquiavel, “se os romanos tivessem desejado travar guerras mais com dinheiro que com ferro, não lhes teria sido suficiente todo tesouro do mundo, em vista dos grandes feitos que realizaram e das dificuldades que neles havia”²⁴. A ênfase no bom soldado como causa do êxito bélico dos romanos pressupõe um entendimento da estrutura das tropas próprias. O florentino dedica-se a pensar desde questões mais práticas - como a idade dos cidadãos a

²¹ MAQUIAVEL, *O Príncipe*, XIII, p. 63.

²² MAQUIAVEL, *O Príncipe*, XII, p. 61.

²³ MAQUIAVEL, *Discursos sobre a Primeira Década de Tito Lívio*, Livro II, 10, p. 215.

²⁴ MAQUIAVEL, *Discursos sobre a Primeira Década de Tito Lívio*, Livro II, 10, p. 215.

integrar a tropa — a questões mais complexas — como o caráter público da guerra. Passa pela compreensão da guerra como uma face da política, assim como pelos aspectos mais específicos da *vida civil* e da *vida militar*. Parece ser justamente esse o tema central do primeiro livro da *Arte da Guerra*, tal como se pretende investigar a seguir.

Vida civil, vida militar e o uso público da guerra

Compreender os tipos de tropas e, principalmente, as características das tropas próprias que levaram Maquiavel a defendê-las, nos permite vislumbrar que a guerra, apesar de ser uma questão de ordem externa, modula a organização das tropas e, se essas tropas são constituídas por uma coletividade que luta pela defesa da pátria e pelo bem comum, toda a organização interna dessa comunidade política se alinha ao tema da guerra. *Boas armas e boas leis*, tal como postos no *Príncipe*, são pensados como temas correlacionados e interdependentes. Se retomamos a passagem que introduz o tema dos tipos de tropas no *Príncipe* é possível perceber que essa associação é incontornável.

Os principais fundamentos de todos os estados, tanto dos novos como dos velhos ou mistos, são as boas leis e as boas armas. Como não se pode ter boas leis onde não há boas armas, e onde há boas armas costumam ser boas as leis, deixarei de refletir sobre as leis e falarei das armas.²⁵

Ainda que Maquiavel se dedique a tratar das armas no *Príncipe* e, na sequência dessa passagem, explore cuidadosamente o tema dos tipos de tropa, assim como a superioridade da eficácia das tropas próprias, não podemos deixar de notar que o tema das leis permeia todas as obras do autor e que pensar a melhor forma de governo também é uma de suas prioridades, ganhando espaço principalmente nos *Discursos sobre a Primeira Década de Tito Lívio*. Essa, de fato, parece ser uma constatação importante a se ponderar a partir das obras políticas do autor. Esses dois temas são centrais e há uma profunda relação entre eles.

Posto que *boas armas e boas leis* constituam *os fundamentos de todos os estados*, quando pensamos a consolidação e utilização de tropas próprias em uma guerra, pensamos inevitavelmente em uma coletividade que se põe à disposição da pátria. Combatentes que se apartam de seus afazeres cotidianos para guerrear. Tendo isso em vista voltamos ao texto intitulado *Arte da Guerra* e à questão apontada por Maquiavel logo no seu início. É justamente ao pensar a relação entre a vida pública e a vida militar que Maquiavel define o que ele expressa por arte da guerra. De acordo com ele, “sendo essa uma arte da qual os homens de qualquer tempo não podem viver honestamente, só pode ela ser usada como arte por uma república ou por um reino; e que nenhum homem bom jamais a exerceu como arte particular sua”²⁶. Essa passagem, além de definir a arte da guerra como própria ao que é público e relacioná-la então a repúblicas e principados, recusa sua utilização pela via particular. Ao tratar a arte da guerra Maquiavel convida seu leitor a pensar o tema como indissociável da vida pública. Ao tomá-lo pela primazia do público reafirma as armas como parte fundamental da política. A ideia de que a guerra é uma arte associada àquilo que é público nos conduz a

²⁵ MAQUIAVEL, *O Príncipe*, XII, p. 59.

²⁶ MAQUIAVEL, *A Arte da Guerra*, I, p. 11.

pensar que a ênfase que Maquiavel dá à rejeição das tropas mercenárias se deve menos a questões técnicas, já que ele considera as tropas auxiliares o pior tipo de tropa, mas a uma questão essencialmente política.

Procurou-se mostrar aqui, a partir dos capítulos do *Príncipe* destinados aos tipos de tropas, as causas tanto do uso recorrente de tropas mercenária na Itália dos tempos de Maquiavel, assim como os argumentos desse último para rejeitá-las pela sua ineficácia. O primeiro livro da *Arte da Guerra* nos conduz a um novo argumento. A partir dele acrescenta-se a esse esforço do florentino em evidenciar não somente as fragilidades da opção pelas tropas mercenárias uma razão essencialmente política. As tropas mercenárias pressupõem, por definição, o exercício particular da arte da guerra e, por oposição a elas, as tropas próprias têm seu fundamento naquilo que é público. Em outras palavras, enquanto as tropas próprias são movidas pelas paixões associadas ao bem comum, como o amor à pátria, as mercenárias combatem pelo soldo. E enquanto morrer pela pátria tem por consequência dignidade e glória, soldo algum é capaz de equiparar-se à vida. Essa é a principal diferença entre a constituição de uma tropa essencialmente atrelada ao que é público e de tropas que reúnem particulares que combatem essencialmente pelo soldo. Essa maneira de compreender a guerra inevitavelmente associada à política permeia os escritos de Maquiavel, mas é particularmente explicitada na *Arte da Guerra*.

De fato, desde o início do texto da *Arte da Guerra*, tendo em vista expressar tanto a importância quanto a relação da guerra aos assuntos políticos, Maquiavel recorre aos fundamentos da política e aproxima o tema da guerra ao das boas ordenações. Assim, ao mencionar essas últimas, ainda no Proêmio da *Arte da Guerra*, o autor pondera os grandes esforços dirigidos a elas e considera que “tudo seria vão se não fossem preparadas as suas defesas; defesas que, bem ordenadas, mantêm-se, ainda que não estejam bem ordenadas. E assim, ao contrário, as boas ordenações, sem o socorro militar, desordenar-se-iam (...)”²⁷. A passagem parece dar o tom do texto, dirigindo o leitor a reconhecer a relevância desse lugar da defesa, diretamente relacionado ao das boas ordenações. Essa ideia da defesa é imediatamente situada não somente no tema da guerra, mas também no da expansão. De fato, Maquiavel parece partir do pressuposto de que a expansão é pertinente à conservação dos estados e à manutenção da liberdade.²⁸

Posto isso, e antes de avançarmos nessa direção, nota-se que Maquiavel inicia o texto trazendo à tona um mote característico das obras de seu tempo, a saber, a recuperação dos antigos. Tal tema, característico nos autores do Renascimento e recorrente nos textos de Maquiavel, insere o debate no contexto daquele tempo, recorrendo aos antigos para pensar, a partir deles, novas soluções para os problemas políticos do presente. O primeiro momento em que a recuperação dos antigos aparece de forma explícita no diálogo é justamente no debate de um problema de então. No diálogo, tal como apresentado por Maquiavel, uma vez questionado sobre quais coisas antigas seriam benéficas naqueles tempos, o personagem Fabrizio de Colona, menciona, entre outras: “homenagear e premiar as *virtù*, (...) estimar menos o privado que o público, e outras coisas semelhantes que facilmente poderiam ser seguidas nestes tempos”²⁹. Dentre as *coisas* mencionadas é possível perceber que boa parte

²⁷ MAQUIAVEL, *Arte da Guerra*, Proêmio, p. LXXVIII.

²⁸ O tema da expansão relaciona-se à guerra, mas não caberia nos limites da presente investigação. Será tratado em outro lugar.

²⁹ MAQUIAVEL, *Arte da Guerra*, I, p. 9.

delas dizem respeito às instituições. O tema da guerra é, desse modo, abordado a partir de pressupostos político-institucionais e, nessa direção, destaca-se o tema das boas ordenações. A sequência do diálogo parece confirmá-lo quando o personagem Fabrizio, após ter apresentado uma definição de arte da guerra, afirma que:

nunca será julgado bom quem exerça algo que, para ser-lhe útil a qualquer tempo, o obrigue a ser rapace, fraudulento, violento e a ter muitas qualidades que, necessariamente, o façam não bom; e não podem ser diferentes os homens que a usam por arte, sejam eles grandes ou pequenos, porque essa arte não os sustenta na paz; donde que são obrigados a pensar que não há paz, ou a aproveitar-se à larga nos tempos de guerra, para que na paz possam sustentar-se. E nenhum desses pensamentos cabe num homem bom (...).³⁰

O texto vai assim conduzindo o leitor a reconhecer a incompatibilidade entre o bem comum e o exercício particular da guerra. A isso, Fabrizio acrescenta que um “homem bom não poderia exercer essa arte como sua; que uma república ou reino bem-ordenado jamais permitiria que seus cidadãos a usassem como arte”³¹. Na passagem, a arte da guerra assume o caráter próprio daquilo que é público e não pode ser apropriado pelo particular sem prejuízo às ordenações. Mais uma vez os fundamentos (*boas leis e boas armas*) são reafirmados e relacionados. Aqui, acrescenta-se que Maquiavel se dedica a explicitar o que ele entende por público, apresentando-o na forma de república ou reino. Exemplos de momentos históricos em que houve uso particular da guerra também são apresentados. Explicitam que, para Maquiavel, a guerra só faz sentido enquanto artifício público, enquanto artifício coletivo usado para defender e conservar o bem comum.

Nesse sentido, a escolha do exemplo não poderia ser mais recorrente nos textos de Maquiavel, conduzindo o leitor a refletir sobre a república romana. Toma, mais especificamente, os comandantes que sucederam a última guerra contra Cartago. Citando diretamente Pompeu e Cesar, que *conquistaram fama de valorosos, não de bons*. O personagem de Maquiavel no diálogo da *Arte da Guerra*, Fabrizio, os contrapõe aos seus antecessores que *conquistaram glória como bons e valorosos*. Afirma que, “enquanto a república viveu sem máculas, nenhum cidadão grande pretendeu jamais, mediante tal exercício, tirar proveito na paz, transgredindo as leis, espoliando as províncias, usurpando e tiranizando a pátria e prevalendo-se de todos os modos (...)”³². Findo o período de guerra cada um voltava aos seus afazeres particulares, ou, nos termos postos por Maquiavel, “cada um voltava à arte com a qual ordenava sua vida”³³.

Nota-se que a recuperação dos antigos é feita a partir de seus valores e não dos aspectos técnicos empregados por eles na guerra. As paixões que movem as tropas, sobretudo o amor à pátria, o medo da invasão, o ódio ao inimigo, o desejo de glória e a busca do bem comum parecem mais eficazes na consolidação da ideia do bom soldado do que qualquer artifício técnico mais específico. A partir do que compreende por *arte da guerra* Maquiavel direciona seu leitor à estrutura das tropas próprias. O primeiro tema é justamente

³⁰ MAQUIAVEL, *Arte da Guerra*, I, pp. 11-12.

³¹ MAQUIAVEL, *Arte da Guerra*, I, p. 14.

³² MAQUIAVEL, *Arte da Guerra*, I, p. 14.

³³ MAQUIAVEL, *Arte da Guerra*, I, p. 15.

o de evitar o pagamento de soldos de forma permanente. De acordo com ele, “Fazer guerra sempre não é possível; pagá-los sempre ninguém pode; eis que necessariamente se incorre no perigo de perder o estado”³⁴. A ideia de recorrer aos próprios cidadãos para a guerra parte do princípio de que o fariam de bom grado e, tal como afirmado nos *Discorsi*, seriam capazes de conquistar também as riquezas dos derrotados. Maquiavel pressupõe o pagamento dos soldados durante os períodos de combate. De acordo com ele, “é, sim, necessário pagar os soldados quando são recrutados,”³⁵ esse soldo seria para a manutenção dos guerreiros afastados de seus afazeres e não o que os movia em direção aos inimigos. Isso parece ser explicitado no primeiro livro da *Arte da Guerra* quando Maquiavel afirma que:

Portanto, devem os reis, se quiserem viver seguros, ter suas infantarias compostas de homens que, chegando o tempo de fazer guerra a façam de bom grado por amor ao rei, e, chegada a paz, com mais gosto retornem ao lar. O que sempre ocorrerá, quando o rei escolher homens que saibam viver doutra arte que não essa. E assim o rei deve querer que, chegada a paz os seus príncipes voltem ao cultivo de suas propriedades, e os infantes voltem a sua arte particular: e assim todos eles farão a guerra para ter a paz, e não procurarão perturbar a paz para ter guerra.³⁶

Na sequência do texto, Maquiavel menciona como compreende o pagamento reservado aos comandantes das tropas através do personagem Fabrizio de Colonna, conhecido justamente pelos seus feitos enquanto comandante de tropas. Ele afirma o seguinte:

Quanto ao soldo reservado a mim e aos outros comandantes, digo-vos que se trata igualmente de uma ordem extremamente corrupta; porque uma república sábia não deve pagá-lo a ninguém; aliás, deve pôr como comandantes, na guerra, os seus cidadãos, e, em tempo de paz, desejar que eles retornem a sua arte. Assim também um rei sábio não deve pagá-lo, ou, pagando-o, deve fazê-lo pelas seguintes razões: ou como prêmio por algum feito insigne, ou por querer valer-se de um homem tanto na paz quanto na guerra.³⁷

Poderíamos compreender que o pagamento de soldos de forma permanente constituiria uma tropa disposta exclusivamente à guerra e, portanto, apartada da vida civil. Isso parece ser problemático porque afastar esses homens de suas artes particulares e substituir seus ofícios pela integração permanente em uma tropa parece perverter a definição de *arte da guerra*, tal como posta por Maquiavel. A *arte da guerra* é, por definição, pública. O pagamento permanente de soldos, inevitavelmente, aproximaria essa tropa das características das tropas mercenárias, principalmente àqueles aspectos que afastam as tropas mercenárias

³⁴ MAQUIAVEL, *Arte da Guerra*, I, p. 17.

³⁵ MAQUIAVEL, *Arte da Guerra*, I, p. 35.

³⁶ MAQUIAVEL, *Arte da Guerra*, I, p. 18.

³⁷ MAQUIAVEL, *Arte da Guerra*, I, p. 20.

daquilo que é público e as aproxima do que é particular. Além disso, poderia interferir de forma negativa na relação entre a vida civil e a vida militar.

Somente após identificar a profunda relação entre a vida civil e a militar é que Maquiavel direciona seu leitor a pensar aspectos mais técnicos da guerra. De acordo com ele, “o fim de quem quer fazer guerra é poder combater com o inimigo em campo aberto e vencer uma batalha. É para isso que se cumpre ordenar um exército”³⁸. A sequência do texto esclarece como seriam, portanto, ordenados os exércitos próprios, como seria o recrutamento, da idade ao ofício, passando pelos valores que os soldados deveriam ter para se fazerem úteis àquela tropa. As especificidades técnicas introduzidas por Maquiavel para dar forma à tropa própria parecem se dirigir a ponderações políticas no sentido de pensar um coletivo capaz de se organizar suficientemente para travar batalhas e vencê-las.

Assim, temas mais técnicos são acompanhados de argumentos que os alinham aos seus propósitos. Um exemplo disso é que ao abordar o tema do *delectus*, que basicamente consistiria nos critérios para o recrutamento, em seus mais variados aspectos, Maquiavel procura explicitar a superioridade das tropas próprias. Os argumentos são distintos dos apresentados em suas outras obras e os complementam. Poderíamos destacar a afirmação segundo a qual “as cidades precisam das armas; e, quando não tem armas próprias, assoldam estrangeiras; e o bem público é mais depressa prejudicado pelas armas estrangeiras que pelas próprias (...)”³⁹. Essa defesa das tropas próprias se justifica pelo bem público e lembra o leitor dos problemas intrínsecos de uma cidade desarmada contribuir abertamente para armar estrangeiros.

Considerações Finais

Na *Arte da Guerra* a relação entre a guerra e as boas ordenações passa pela definição do que é público. Além de tê-lo afirmado abertamente, como se viu acima, a defesa do uso público da guerra parece pressupor um exército próprio ao mesmo tempo em que caracteriza as boas ordenações. A escolha das tropas próprias parece atender a um critério político que prioriza as boas ordenações. A arte da guerra não pode ser pensada de forma dissociada às ordenações e pressupõe uma relação próxima e profunda entre a vida militar e a vida civil.

A relação entre guerra e política não se restringe à *Arte da Guerra* e perpassa as obras políticas de Maquiavel, que as assume, tal como procurou-se mostrar aqui, como fundamentos da política, a saber: boas armas e boas leis. Nesse aspecto concordamos com Zorzo quando ele afirma que

Guerra e política, por meio de um intrincado articular-se, pressupõem-se de modo recíproco. As questões que permeiam as considerações sobre as atividades militares são sempre redirecionadas ao campo das atividades da vida pública. Ainda que, na história do pensamento político, os mecanismos e os modos dessa relação não sejam consenso, uma é pensada sempre em relação à outra.⁴⁰

³⁸ MAQUIAVEL, *Arte da Guerra*, I, p. 21.

³⁹ MAQUIAVEL, *Arte da Guerra*, I, p. 27.

⁴⁰ ZORZO, *A Guerra em Maquiavel: por que[m] morrem os soldados nos campos de batalha?*, p. 21

De fato, a relação entre guerra e política no pensamento de Maquiavel se expressa na medida em que a força pode ser pensada como um fundamento da política. Evidentemente, não é o único e, ao lado das leis, parece configurar-se tão estruturante quanto elas. Compreendê-la como tal nos leva a reconhecer a associação entre vida civil e vida militar, como procuramos mostrar. Essa perspectiva que assume a guerra como algo genuinamente relacionado ao que é público tem uma série de imbricações e consequências. A apropriação privada da guerra inviabiliza a expressão do que é público, enquanto o exercício público da guerra diz respeito à manifestação da política. A guerra, assim como as leis, é uma das faces da política e, portanto, indissociável vida pública.

Por fim, entende-se que tal debate não foi superado pelo tempo e que, ao completar quinhentos anos, *Arte da Guerra* e seus temas principais continuam a nos oferecer reflexões pertinentes à compreensão da forma como nos organizamos politicamente, como disputamos territórios, como lidamos com conflitos, como lidamos com paixões propriamente políticas como o amor (à pátria, por exemplo) e o ódio (aos inimigos, por exemplo). A *Arte da Guerra* nos oferece elementos para pensarmos uma coletividade capaz de se unir e se organizar, sobretudo em momentos adversos (como sob a iminência da guerra). O fato das armas e estratégias de guerra terem se transformado completamente nas últimas décadas não ofusca em absolutamente nada os propósitos do texto.

Referências bibliográficas

MACHIAVELLI, *Opere*. A cura di Conrado Vivanti. Torino: Einaudi-Gallimard, 1997.

MAQUIAVEL. *O Príncipe*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

MAQUIAVEL. *Discursos sobre a Primeira Década de Tito Lívio*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MAQUIAVEL. *A Arte da Guerra*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

RIDOLFI, Roberto. *Biografia de Nicolau Maquiavel*. Tradução de Nelson Canabarro. São Paulo: Musa Editora, 2003.

ZORZO, Douglas Antônio Fedel. *A Guerra em Maquiavel: por que[m] morrem os soldados nos campos de batalha?* (Tese) Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Programa de Pós-graduação em Filosofia, 2019.